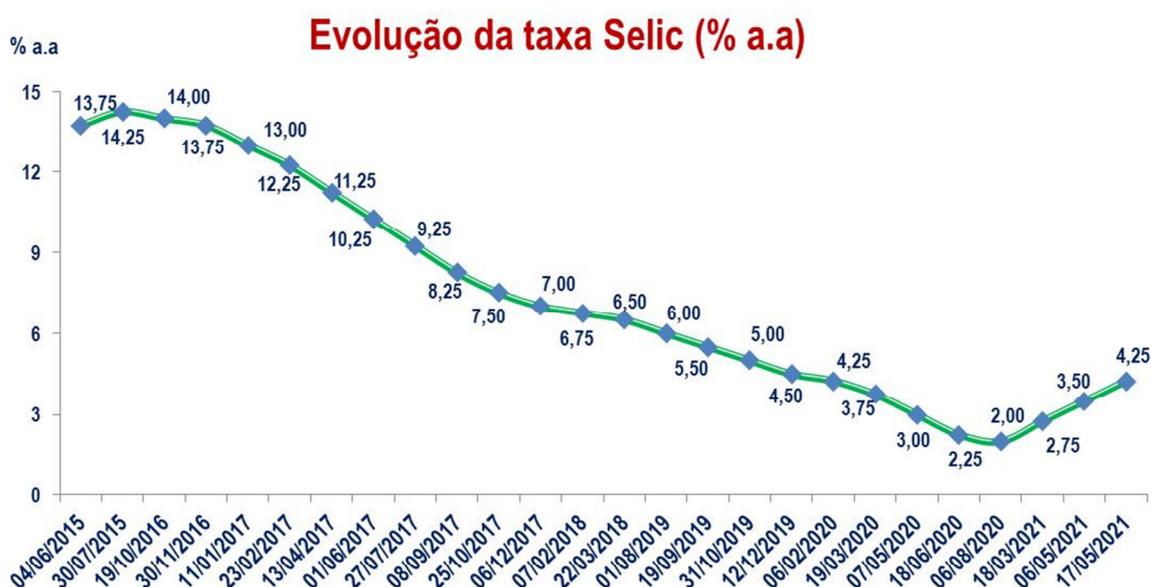


Projeções sinalizam Selic a 6,5% no final de 2021

Diante da melhora das expectativas do Produto Interno Bruto (PIB) e da piora das projeções para a inflação do País, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a Selic de 3,50% para 4,25% em sua reunião de junho. Foi a terceira alta consecutiva, o que fez com que a referida taxa retornasse ao patamar observado em fevereiro de 2020. E a tendência é de mais alta. A pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, estima que a Selic encerrará 2021 em 6,5%. Portanto, aguarda-se um ciclo mais agressivo de aumentos.



Fonte: Banco Central do Brasil.

O Copom indicou na ata de sua última reunião, realizada nos dias 15 e 16 de junho, que aumentará novamente a Selic no início do mês de agosto na mesma magnitude de junho, ou seja, 0,75 ponto percentual. Com isso, a Selic passaria de 4,25% para 5,0%. Entretanto, uma alta mais expressiva não foi descartada. Vários analistas de mercado consideram que, já em sua próxima reunião, a Selic será elevada em um ponto percentual, ou seja, será de 5,25%.

Importante ressaltar que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e que é o indicador oficial da inflação no País, depois de registrar elevação de 0,31% em abril aumentou 0,83% em maio, a maior variação para o referido mês desde 1996 (1,22%). Este resultado foi influenciado pelo incremento da energia elétrica, que dentro da composição do IPCA, aumentou 5,37%. Vale lembrar que, no quinto mês do ano, passou a vigorar a bandeira tarifária vermelha, enquanto, de janeiro a abril, vigorou a bandeira amarela. De janeiro a maio o IPCA/IBGE acumulou elevação de 3,22% enquanto, nos últimos 12 meses encerrados em maio, a alta foi de 8,06%.

No contexto das pressões sobre a inflação é preciso considerar fatores preocupantes como a crise hídrica e a forte elevação nos preços das commodities, que pode trazer ainda mais pressão inflacionária para o Brasil.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

A pesquisa Focus, há 12 semanas consecutivas, vem elevando as suas projeções para o IPCA/IBGE. O levantamento do dia 25 de junho apontou que este indicador finalizará 2021 em 5,97%. O primeiro relatório do ano (8 de janeiro) estimava alta de 3,34%. A meta para a inflação em 2021 é de 3,75% podendo variar 1,5 p.p para baixo e 1.5 p.p para cima (2,25% - 5,25%). Assim, caso o resultado aguardado pelo referido levantamento seja confirmado, a inflação encerrará o ano acima do seu teto.

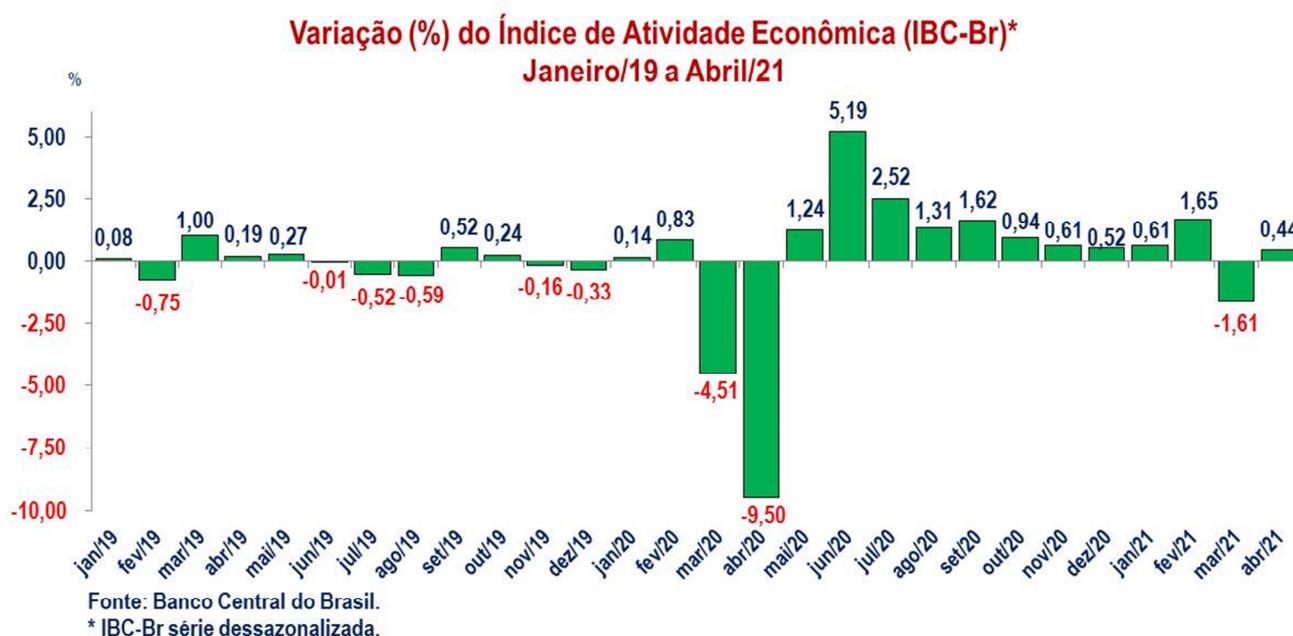


Fonte: Banco Central do Brasil. Boletim Focus.

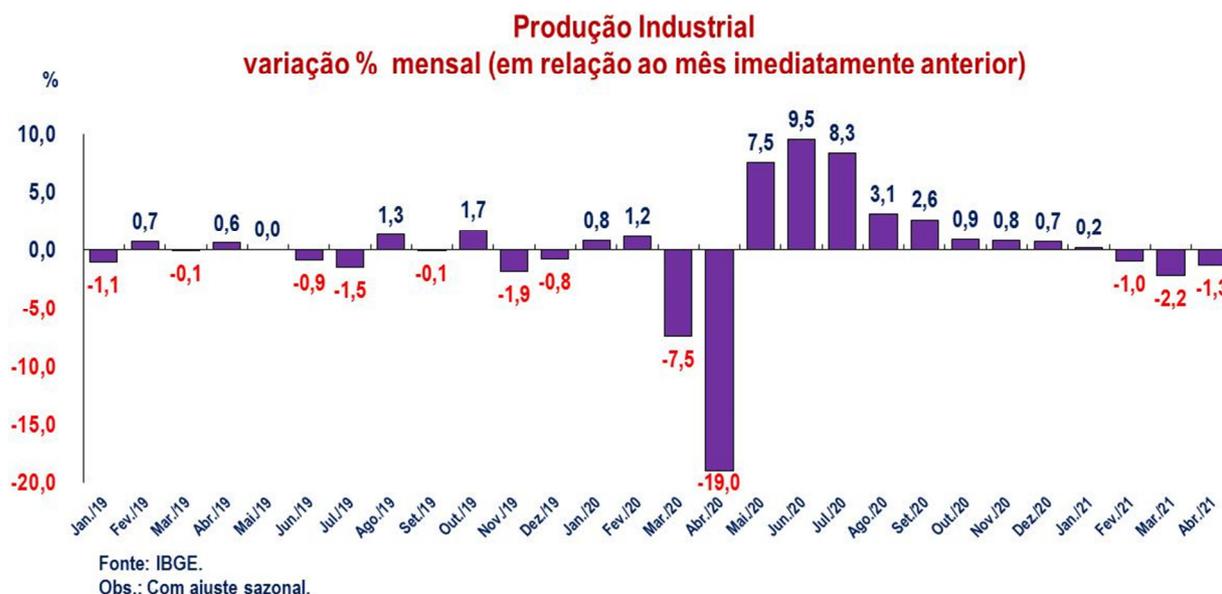
O Relatório Trimestral de Inflação, divulgado pelo Banco Central em junho, estima que inflação no País encerrará 2021 em 5,8%, ou seja, 0,55 ponto percentual acima do teto da meta para o ano. A leitura é que a pressão sobre os preços está mais persistente do que se esperava.

Depois de registrar queda de 4,1% em 2020, o que correspondeu a maior retração observada na atual série histórica do PIB, iniciada em 1996, a economia brasileira surpreendeu e cresceu 1,2% nos primeiros três meses de 2021 em relação ao último trimestre de 2020. As expectativas, de uma forma geral, sinalizavam um incremento de 0,7%. Após o desempenho observado nos primeiros meses do ano, as projeções para o resultado do PIB em 2021 aumentaram substancialmente e já ultrapassam 5%, conforme a pesquisa Focus. Há 10 semanas consecutivas as expectativas para o crescimento da economia brasileira vem ganhando impulso, de acordo com o referido levantamento.

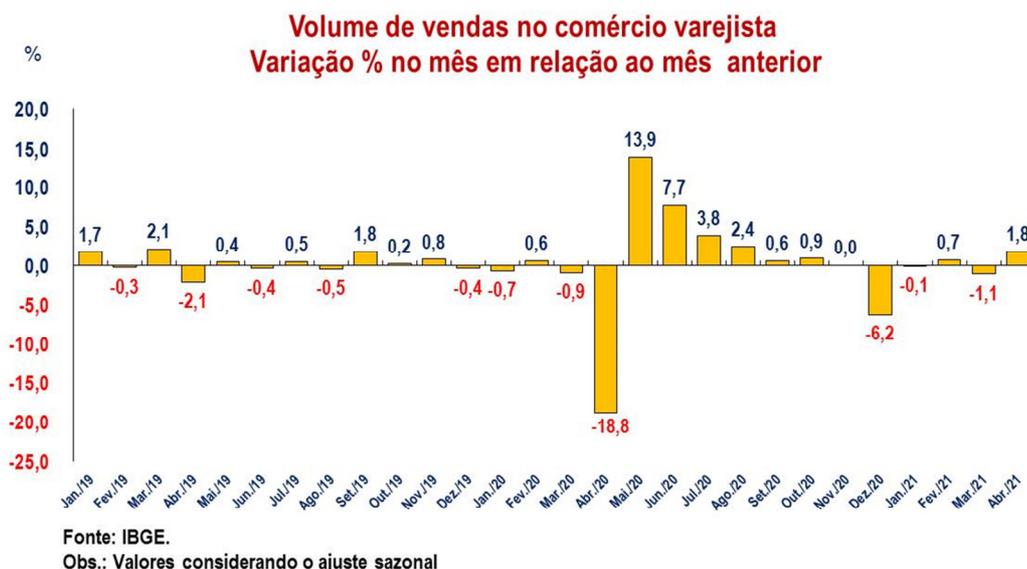
Alguns indicadores relativos ao dinamismo do início do segundo trimestre começaram a ser divulgados. O Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), calculado e divulgado pelo Banco Central, é um deles. Depois de apresentar queda de 1,61% em março, ele apresentou alta de 0,44% em abril. Apesar de ter ficado abaixo das expectativas dos analistas de mercado (0,55%), o resultado foi positivo. É importante ressaltar que foi em março, e na primeira quinzena de abril, que a atividade econômica nacional foi pressionada pelo fortalecimento dos casos de Covid-19 no Brasil e, com isso, várias medidas restritivas foram adotadas. Por isso, o resultado do quarto mês do ano pode ser considerado satisfatório.



Conforme dados do IBGE, a produção da indústria recuou 1,3% em abril, em relação ao mês imediatamente anterior. Neste mês 18 das 26 atividades pesquisadas pelo IBGE apresentaram recuo. Foi a terceira queda consecutiva. De fevereiro a abril a atividade industrial registrou retração de 4,4%.



Apesar do recuo da indústria, as vendas no comércio varejista e os serviços avançaram no quarto mês do ano. Conforme o IBGE, as vendas no varejo cresceram 1,8% em abril, em relação ao mês imediatamente anterior, o que correspondeu a maior elevação para o mês desde 2000. De janeiro a abril o comércio varejista registrou alta de 4,5% e, nos últimos 12 meses encerrados em abril, 3,6%. Importante destacar que sete das oito atividades pesquisadas pelo IBGE apresentaram resultados positivos. A maior elevação foi observada no segmento de móveis e eletrodomésticos (24,8%).



Considerando os resultados do comércio varejista ampliado, que envolve, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças (20,3%) e de material de construção (10,4%), observa-se que o incremento das vendas foi de 3,8% em abril em relação a março. Nesta base de comparação, o volume de serviços, na série com ajuste sazonal, cresceu 0,7%, também de acordo com o IBGE. Com este resultado o setor está 1,5% abaixo do patamar pré-pandemia (fevereiro/20).

A projeção de alta mais acentuada para a Selic é um dos motivos que tem provocado queda na taxa de câmbio. No último dia 23 de junho, o dólar fechou abaixo de R\$5,00 pela primeira vez no ano. A recuperação do real encontra algumas justificativas (internas e externas) como a elevação dos preços das commodities, o incremento nas taxa de juros (Selic) e a melhora dos indicadores econômicos.



Fonte: Banco Central do Brasil.

A retomada econômica parece ganhar mais solidez do que a inicialmente prevista. Entretanto, os resultados positivos, mesmo diante da segunda onda provocada pela pandemia, não significa ausência de desafios. O mercado de trabalho segue enfraquecido e o número de desempregados no País alcançou recorde em março (mais de 14 milhões). Além disso, é preciso considerar os efeitos na economia real da alta nos juros, a incerteza em relação a evolução da crise hídrica, o controle da pandemia e o andamento do processo de vacinação.